

“All the Dead Dears”, Sylvia Plath

Ivan Justen Santana

Sylvia Plath nasceu em Boston (27/10/1932) e faleceu em Londres (11/02/1963). Famosa poeta, cuja vida foi interpretada no cinema pela atriz Gwyneth Paltrow, sua obra ganhou destaque internacional e foi muito cercada de polêmica entre feministas, críticos literários e público em geral, graças a sua vida atormentada: o pai morreu traumáticamente quando ela tinha oito anos de idade; aos vinte anos foi submetida a tratamento psiquiátrico com choques elétricos após ter tentado o suicídio; seu casamento com o poeta inglês Ted Hughes, com quem teve um casal de filhos, foi sabotado com uma traição por parte dele, e ela cometeu suicídio durante o inverno mais rigoroso do século XX na Inglaterra.

A obra de Sylvia Plath se compõe principalmente do romance semi-autobiográfico *The Bell Jar* (lançado no Brasil como *A Redoma de Vidro*) e do livro de poemas *Ariel* (escrito em boa parte após sua ruptura com Hughes).

O conto “All the Dead Dears” foi publicado postumamente na coletânea de textos *Johnny Panic and The Bible of Dreams*, reunida por Ted Hughes, abrangendo contos publicados em revistas, contos inéditos e outros textos em prosa.

Todos os Mortos Queridos

– Não me importa o que Herbert diga, declarou a Sra. Nellie Meehan, despejando duas colheres de açúcar no seu chá: – Eu vi um anjo uma vez. Era minha irmã Minnie, na noite em que Lucas morreu.

Os quatro estavam reunidos até tarde ao redor do fogo vermelho de carvão naquela noite de novembro na recém-comprada casa dos Meehan: Nellie Meehan e seu marido Clifford, o primo de Nellie, Herbert, hospedado com os Meehan desde que sua esposa ruiva o abandonara durante a ceifa do feno já fazia uns vinte e sete anos, e Dora Sutcliffe, que tinha aparecido para uma xícara de chá voltando de Caxton Slack, após visitar sua amiga Ellen, que saíra recentemente do hospital e recobrava-se duma operação de catarata.

O fogo morrendo ainda brilhava morno; a velha chaleira de alumínio soltava vapor sobre a lareira, e Nellie Meehan havia posto a toalha de linho bordada à mão, toda coroada de violetas e papoulas encarnadas, em honra da vinda de Dora. Uma avalanche de bolos e biscoitos amanteigados atulhava a bandeja azul-salgueiro e um pote redondo de vidro continha generosas porções da geléia de groselha feita em casa por Nellie Meehan. Lá fora, na noite uivante e clara, a lua brilhava alta e cheia; uma neblina luminosa e azulada erguia-se do fundo do vale onde o córrego da montanha fluía profundo atrás daquelas quedas espumantes nas quais o cunhado de Dora escolhera afogar-se faria uma semana na segunda-feira seguinte. A casa dos Meehan (comprada no início daquele outono da solteirona Katherine Edwards depois que sua mãe Maisie morrera com a brava idade de oitenta e seis) enganchava-se na metade da colina íngreme e falha, cheia de freixos com frutas vermelhas, que se aplainava no topo e se estendia adiante pela charneca selvagem e estéril, varada de espinhos e habitada pelos carneiros de cara preta, com seus chifres enrolados e seus fitos e loucos olhos amarelados.

Eles já haviam discutido, ao longo da noite, sobre os dias da Grande Guerra, e os diversos fins daqueles que triunfaram e daqueles que morreram, Clifford Meehan estalando as pernas no momento apropriado da conversa, como lhe era de costume, e retirando da gaveta de baixo na cômoda polida de mogno chinês a caixa de papelão de souvenirs – medalhas, fitas, e o despedaçado livro-crédito providencialmente no bolso do seu casaco quando a bala o atingiu (partículas de explosivo ainda alojadas em suas páginas apagadas) – para mostrar a Dora Sutcliffe o borrado daguerreótipo ocre tirado no hospital no Natal antes do Armistício, com as faces de cinco homens jovens sorrindo, iluminadas pelo pálido sol de inverno que se erguia e se punha uns quarenta anos atrás. – Este sou eu, Clifford dissera, e, como se nomeasse os destinos dos personagens numa peça bem conhecida, salientara com o polegar as outras faces, uma a uma: – Este teve a perna amputada. Este foi assassinado. Este está morto, e este está morto.

E assim eles fofocaram gentilmente, mencionando os nomes dos vivos e mortos, revivendo cada evento passado como se não tivesse começo nem fim, mas existisse, vívido e irrevogável, desde o início dos tempos, e continuasse a existir muito depois que as suas próprias vozes mergulhassem no silêncio.

– O que Minnie estava vestindo? – perguntou Dora Sutcliffe a Nellie Meehan, agora no tom abafado de quem vai à igreja.

Os olhos de Nellie Meehan tornaram-se sonhadores: – Uma camisola branca Imperial, ela disse. Toda drapeada volta da cintura, era assim, com centenas e centenas de pequenas pregas. Eu me lembro claramente. E asas, grandes asas brancas penosas descendo sobre as pontas nuas dos seus dedos. Clifford e eu não tivemos notícia de Lucas até a manhã seguinte, mas foi na noite em que eu senti a dor e ouvi as batidas. A noite em que Minnie apareceu. Não foi, Clifford?

Clifford Meehan baforou meditativo com seu cachimbo, seu cabelo prateado à luz das chamas, as calças e o suéter cinza árvore-

da-cera; exceto por seu vívido nariz de veias púrpuras, ele parecia prestes a se tornar translúcido, como se o aparador da chaminé, suspenso com seus bronzes equinos chamejantes, pudesse a qualquer momento começar a aparecer levemente através de sua magra e cinzenta figura. – É, ele disse finalmente. Foi naquela noite. Os inegáveis lampejos de segunda-visão de sua esposa sempre o impressionavam e de certa forma o castigavam.

O primo Herbert sentava-se carrancudo e cético, as mãos enormes e desajeitadas, gretadas de rugas, pendendo soltas ao seu lado. A mente de Herbert há muito tempo já se havia cravado naquele distante dia de sol, o primeiro dia bom depois de uma semana tempestuosa, quando os parentes de sua esposa Rhoda, visitando para ajudar na ceifa do feno, tocaram para Manchester com Rhoda, deixando Herbert sozinho com o feno. Ao voltar no fim do dia, eles haviam encontrado sua bagagem feita, atirada no canto mais distante do pasto; Rhoda o deixara então, indignada, saindo junto com os pais. Teimoso e orgulhoso, Herbert nunca tinha pedido que ela voltasse; e, teimosa e orgulhosa como ele, ela nunca tinha voltado.

– Eu acordei... Os olhos de Nellie Meehan ficaram borrados, como se em transe visionário, e sua voz se fez mais ritmada. Lá fora, o vento alvejava a casa que estalava e tremia em sua fundação sob aqueles poderosos golpes de ar. – Eu acordei aquela noite com uma dor terrível no meu ombro esquerdo, escutando pancadas fortes de todos os lados, e lá estava Minnie, de pé ao pé da cama, muito pálida e com rosto meigo-eu tinha uns sete anos no inverno em que ela teve pneumonia; nós dormíamos na mesma cama naquela época. Bom, no que eu olhava, ela desaparecia mais e mais, até que sumiu no vazio. Eu me levantei com cuidado pra não acordar o Clifford, e desci as escadas pra fazer um chá. Meu ombro doía muito, e o tempo todo eu ouvia aquelas batidas que não paravam...

– E o que *era*? suplicou Dora Sutcliffe, com os olhos azuis agudados arregalados. Ela ouvira a história do enforcamento de Lucas incontáveis vezes, em segunda ou terceira mão, mas a cada narrativa refrescada as histórias anteriores se borravam, mesclando-se numa

só, e a cada vez, a essa altura, ela perguntava, ansiosa, curiosa, como se participasse de um coro perpetuamente inquisidor: – O que estava batendo?

– Primeiro eu pensei que fosse o vizinho carpinteiro, disse Nellie Meehan, porque ele ficava até tarde muitas vezes martelando na sua oficina na garagem, mas quando olhei pela janela da cozinha estava tudo escuro. E eu continuava ouvindo essas batidas em seqüência, e o tempo todo a dor latejando no meu ombro inteiro. Eu me sentei na sala de estar então, tentei ler, e devo ter caído no sono, porque foi lá que Clifford me achou quando desceu pra ir pro trabalho de manhã. Quando eu acordei tudo estava mortalmente quieto. A dor no meu ombro sumira, e o carteiro veio com a carta sobre Lucas, com as bordas todas pretas.

– Não era uma carta, contradisse Clifford Meehan. Infalivelmente, em algum ponto de sua história, Nellie se deixava levar por imprecisões desse tipo, improvisando quaisquer detalhes que eludiam momentaneamente a sua memória. – Era um telegrama. Eles não poderiam ter postado uma carta e você recebê-la na mesma manhã.

– Um telegrama, então, aquiesceu Nellie Meehan. – Dizia: Venha, Lucas morto.

– Eu disse a ela que devia ter sido um dos tios dela, colocou Clifford Meehan. – Eu disse que não podia ser Lucas, ele sendo tão jovem, um marceneiro mestre, realmente, dos melhores, como ele era.

Mas era Lucas, disse Nellie Meehan. – Ele se enforcou naquela noite. Sua filha Daphne o encontrou no sótão. Imagine.

– Imagine só, suspirou Dora Sutcliffe. Sua mão, como se independente do corpo atento e imóvel, apanhou um biscoito amanteigado.

– Foi a guerra, anunciou subitamente o primo Herbert em tons sepulcrais, sua voz enferrujada pelo desuso. – Nenhuma lenha vem por amor ou por dinheiro.

– Bem, de qualquer modo que fosse, lá estava Lucas – Clifford Meehan bateu o cachimbo contra a grade e apanhou sua bolsa de tabaco. – Eu tinha acabado de entrar na sua sociedade. Uns poucos dias antes de se enforcar, ele estava lá onde os novos apartamentos estavam sendo construídos e disse pro velho chefe, Dick Greenwood: "Eu me pergunto se esses apartamentos serão entregues um dia". As pessoas que falaram com ele naquela noite não notaram nada de errado.

– Foi a mulher dele, a Agnes, sustentou Nellie Meehan, sacudindo a cabeça enquanto recordava o destino do seu falecido irmão, os olhos castanhos dela gentis como os de uma vaca: – Agnes o matou tão certo quanto se tivesse envenenado ele; nunca tinha palavras de carinho, a Agnes. Ela só trazia um problema em cima do outro pra perturbá-lo até a morte. Vendeu as roupas dele em leilão, também, logo depois, e comprou uma bela lojinha com o dinheiro que recebeu, esse e aquele que ele deixou pra ela.

– Ora vejam só! fungou Dora Sutcliffe. – Eu sempre disse que tinha algo de ruim na Agnes. Ela colocava lenços nas balanças, e tudo na loja dela era sempre muitos cobses mais caro que em qualquer outro lugar. Eu comprei um bolo de Natal da Agnes dois anos atrás e encomendei um exatamente igual em Halifax na semana seguinte. Meia coroa a mais, o bolo da Agnes foi.

Clifford Meehan pilou o tabaco fresco no cachimbo. – Lucas foi dirigindo pelos bares com a filha Daphne naquela mesma noite, ele disse lentamente: também ele tinha contado sua parte da história tantas vezes, e a cada vez lhe parecia que pausava nesse ponto, na expectativa que alguma luz jorrasse clara das próprias palavras, para iluminar e explicar os soturnos e surrados fatos da perda de Lucas. – Lucas subiu depois do jantar, e quando Daphne o chamou para sair, demorou uns minutos para vir – seu rosto estava estranho, inchado, disse Daphne depois, e os lábios dele estavam meio roxos. Bem, eles pararam para uns tragos no Black Bull, como era o hábito de Lucas numa noite de quinta-feira, e quando ele voltou

para casa, depois de sentar-se com Daphne e Agnes um pouco, ele colocou os braços no apoio da cadeira e se ergueu – eu me lembro dele se erguendo daquele jeito umas cem vezes – e disse “Acho que vou me aprontar”. Daphne subiu pouco depois e chamou Agnes: “O pai não tá aqui em cima”. Então Daphne subiu até os degraus do sótão; era o único lugar onde ele podia estar. E lá ela o achou, pendurado pela viga, mortinho da silva.

–Tinha um buraco perfurado na viga do meio, disse Nellie Meehan. Lucas armou um balanço lá para Daphne quando ela era só uma coisinha pequenina, e ele passou a corda que usou pra se enforcar bem pelo mesmo buraco.

– Eles acharam marcas raspadas no chão – contou Clifford Meehan, frio e factual como o relato no jornal amarelado, datado de nove anos antes, guardado no álbum de família de Nellie – onde Lucas tinha tentado se enforcar da primeira vez, um pouco antes de sair, só que a corda era muito comprida. Mas quando ele voltou cortou a corda o suficiente pra funcionar.

– Eu me espanto que Lucas pudesse fazer isso, suspirou Dora Sutcliffe: – Do mesmo jeito que me espanto com meu cunhado Gerald.

– É, Gerald era um homem de categoria, simpatizou Nellie Meehan. – Forte e com a cara vermelha, um touro como se podia desejar. O que Myra vai fazer com a fazenda, agora que ele se foi?

– Ih, só Deus sabe, disse Dora Sutcliffe. – Era um entra e sai do hospital com o Gerald nesse inverno passado. Por causa dos rins dele, Myra disse que o médico tinha contado pra ele que ele tinha que voltar outra vez, ainda não estava tudo bem. E Myra agora totalmente sozinha; a filha Beatriz se casou com um que está experimentando criar vacas lá na África do Sul.

– Eu fico imaginando se o seu irmão Jake continua tão animado como tem sido nesses trinta anos, Nellie – aventurou Clifford Meehan, assumindo aquela fuga de fantasmas familiares, sua voz melancólica como a de um velho abandonado pelos dois filhos leais, um na Austrália em fazendas de carneiros, o outro no Canadá

com uma secretária maluquinha chamada Janeen. – Com aquela bruxa daquela mulher Esther e a filha sobrevivente Cora, vinte e oito anos e parva feito uma árvore. Eu me lembro de Jake vindo nos visitar, antes de ele se casar com a Esther...

– Aqueles dias foram absolutamente brilhantes pelas conversas divertidas e geniais, interrompeu Nellie Meehan, seu próprio sorriso pálido e ansioso, como se já estivesse congelado numa dada fotografia de família.

– ... vindo nos visitar e se atirando no sofá e dizendo: "Não sei se devo me casar com a Esther; ela vai sempre mal de saúde, sempre falando de doenças e hospitais." Realmente, uma semana depois de casarem, Esther foi pro hospital pra fazer uma operação que custou a Jake cem libras; ela foi adiando a cirurgia até que ele casou com ela e ele que teve que pagar pelo negócio todo.

– Escravizado a vida inteira por seu moinho de algodão, meu irmão Jake foi – Nellie Meehan mexeu os côos frios de seu chá. – E agora ele tem uma fortuna e está pronto pra ver o mundo, e Esther não vai mexer um músculo pra fora de casa; só senta e cutuca aquela pobre tola Cora; não permitira nem que a pusessem numa casa onde estaria entre pessoas do mesmo tipo. Sempre tomando ervas e poções, a Esther. Quando Gabriel estava a caminho, o único bom daquela estirpe, certo da cabeça, depois que aquele Albert esquisito nasceu com a língua virada, Jake foi direto dizer a Esther: "Se você arruinar esse, eu te mato". E a pneumonia levou os dois meninos, o bom e o mau, sete anos depois.

Nellie Meehan virou seus olhos meigos para as brasas vermelhas na grade como se os calores de todos aqueles mortos brilhasse ali. – Mas eles estão esperando. A voz dela caiu, baixa e encorajadora como uma canção de ninar. – Eles voltam. Clifford Meehan baforou lentamente com seu cachimbo. O primo Herbert sentava-se feito de pedra; o fogo agonizante escavava suas feições contemplativas com luz chapada e sombra, como se fosse numa rocha. – Eu sei, sussurrou Nellie Meehan, quase para si mesma. – Eu já os vi.

– Você quer dizer – Dora Sutcliffe estremeceu ao magro sopro gelado passando através da moldura da janela às suas costas – que você viu *fantasmas*, Nellie? A pergunta de Dora Sutcliffe era retórica; ela nunca se cansava dos relatos de Nellie Meehan sobre seu comércio espasmódico com o mundo dos espíritos.

– Não fantasmas, exatamente, Dora – disse Nellie Meehan calmamente, sempre modesta e reservada com seu dom estranho – mas *presenças*. Eu entro numa sala e sinto alguém de pé ali, grande como a vida. E muitas vezes eu digo a mim mesma: “Se você pudesse ver um pouquinho *mais*, Nellie Meehan, você os veria claros como o dia”.

– Sonhos! A voz do primo Herbert era áspera: – Conversa!

Como se o primo Herbert não estivesse na sala, como se suas palavras achessem ouvidos surdos, os outros três falavam e gesticulavam. Dora Sutcliffe ergueu-se para sair. – Clifford vai com você até o caminho de Slack, disse Nellie Meehan.

O primo Herbert se levantou, sem outra palavra, seus ombros recurvos, como se aturasse uma grande dor particular e impronunciável. Ele virou as costas para o grupo em volta do fogo e foi direto para a cama, os passos ociosos e pesados nos degraus.

Nellie Meehan acompanhou seu marido e Dora Sutcliffe até a porta e acenou para eles lá fora aos sopros de vento e luar vago e pálido. Por um minuto ela ficou à porta, mirando aquelas duas figuras sumirem na escuridão, sentido um frio mais mortal do que qualquer faca golpeando a medula dos seus ossos. Então ela fechou a porta e voltou para a sala para limpar as coisas do chá. Quando entrou na sala, parou, espantada. Lá, na frente do sofá de estofamento florido, suspendia-se, a algumas polegadas do chão, uma coluna de deslumbre – não tanto uma luz encorpada no ar, mas um borrão superposto sobre o fundo familiar, uma neblina através do sofá, e o gabinete de mogno chinês atrás, e as rosas e as miosótis delineadas no papel de parede. Enquanto Nellie Meehan assistia, o borrão começou a tomar uma forma vagamente familiar, as feições pálidas,

solidificando-se como gelo no ar vaporoso até que se encorpou, real como a própria Nellie Meehan. Sem piscar, Nellie Meehan fixava com seus olhos firmes a aparição brilhante. – Eu conheço você, Maisie Edwards, ela disse em tons macios e apaziguadores. – Você está procurando a sua Katherine. Mas você não vai mais achá-la aqui. Ela está morando longe agora, lá em Todmorden.

E então, quase que se desculpando, Nellie Meehan virou as costas para a forma cintilante, que ainda estava suspensa no ar, com a intenção de lavar e guardar o serviço de chá antes que Clifford voltasse. Foi com uma estranha e nova leveza em sua cabeça que ela notou a mulherzinha roliça toda dura, boca aberta, olhos fixos, instalada na cadeira de balanço ao lado da mesa de chá. Com o queixo caindo, Nellie Meehan sentiu o frio invasor tomar o último santuário de seu coração; com um suspiro que era um lento soltar da respiração, ela viu o delicado padrão azul salgueiro da louça aparecendo claramente através da translucidez de sua própria mão e ouviu, como se ecoando num corredor abobadado sibilante de sombras fuxiquentas e expectantes, a voz às suas costas saudando-a como uma anfitriã contente que esperou muito tempo por uma hóspede atrasada: – Bem, disse Maisie Edwards, – já não era sem tempo, Nellie.

All the Dead Dears

'I don't care what Herbert says,' declared Mrs. Nellie Meehan, dumping two spoonfuls of sugar in her tea, 'I saw an angel once. It was my sister Minnie, the night Lucas died.'

The four of them were sitting late around the red coal fire that November evening in the Meehans' new-bought house: Nellie Meehan and her husband Clifford, Nellie's Cousin Herbert, lodger with the Meehans since his red-headed wife left him at haymaking time some twenty-seven years before, and Dora Sutcliffe who had dropped over for a pot of tea on the way back home up Caxton Slack after visiting her friend Ellen, just out of the hospital, recovering from a cataract operation.

The dying fire still glowed warm, the battered aluminum tea kettle steamed on the hearth, and Nellie Meehan had gotten out her hand-embroidered linen table-cloth, all wreathed with violets and crimson poppies, in honour of Dora's coming. A snowdrift of currant cakes and buttered scones banked the blue-willow platter and a little cut-glass bowl held generous dollops of Nellie Meehan's homemade gooseberry jam. Outside, in the clear, windy night, the moon shone high and full; a blue, luminous mist was rising from the bottom of the valley where the mountain stream flowed back and deep over those foaming falls in which Dora's brother-in-law had chosen to drown himself a week ago come Monday. The Meehan's house (bought early that autumn from spinster Katherine Edwards after her mother Maisie died at the doughty age of eighty-six) clung halfway up the steep hill of red-berried ash and bracken which flattened out at the top, stretching away into wild and barren moorland, twigged with heather and prowled by the black-faced moor sheep, with their curling horns and mad, staring yellow eyes.

Already, during the long evening, they had discussed the days of the Great War, and the various ends of those who thrived and those who died, Clifford Meehan creaking to his feet at the

appropriate point in the course of conversation, as was his habit, and taking out of the bottom drawer in the polished mahogany china cabinet the cardboard box of souvenirs – medals, ribbons, and the shattered paybook providentially in his breast pocket when the bullet struck (bits of shrapnel still lodged in its faded pages) – to show Dora Sutcliffe the blurred ochre daguerreotype snapped in hospital the Christmas before Armistice, with the faces of five young men smiling out, lit by the wan winter sun that rose and set some forty years back. 'That's me,' Clifford had said, and, as if naming the fates of characters in some well-known play, juttied his thumb at the other faces, one by one: 'He's got his leg off. He was killed. He's dead, and he's dead.'

And so they gossiped gently on, calling up the names of the quick and the dead, reliving each past event as if it had no beginning and no end, but existed, vivid and irrevocable, from the beginning of time, and would continue to exist long after their own voices were stilled.

'What,' Dora Sutcliffe asked Nellie Meehan now in hushed, church-going tones, 'was Minnie wearing?'

Nellie Meehan's eyes grew dreamy. 'A white Empire smock,' she said. 'All gathered about the waist, it was, with hundreds and hundreds of little pleats. I remember just as clear. And wings, great feathery white wings coming down over the bare tips of her toes. Clifford and I didn't get word about Lucas till the next morning, but that was the night I had the pain and heard the knocking. The night Minnie came. Wasn't it, Clifford?'

Clifford Meehan puffed meditatively on his pipe, his hair silvery in the firelight, his trousers and sweater bayberry gray; except for his vivid, purple-veined nose, he seemed on the verge of becoming translucent, as if the chimney mantel, hung with its gleaming horse-brasses, might at any moment begin to show faintly through his thin, grayed frame. 'Aye,' he said finally. 'That was the night.' His wife's undeniable flashes of second sight had always awed and somewhat chastened him.

Cousin Herbert sat dour and skeptical, his huge, awkward hands, cracked with wrinkles, hanging loose at his sides. Herbert's mind had long ago riveted itself on that distant sunny day, the first fair weather after a week's downpour, when his wife Rhoda's folks, up visiting to help with the haymaking, jaunted off to Manchester with Rhoda, leaving Herbert alone with the hay. On returning at dusk, they'd found their luggage packed, hurled into the far corner of the cow field; Rhoda had left him then, indignant, with her parents. Stubborn and proud, Herbert had never asked her back; and, stubborn and proud as he, she had never come.

'I woke up...' Nellie Meehan's eyes blurred, as if in some visionary trance, and her voice grew rhythmic. Outside, the wind blasted away at the house which creaked and shuddered to its foundations under those powerful assaults of air. 'I woke up that night with a terrible pain in my left shoulder, hearing this loud knocking all around, and there was Minnie, standing at the foot of the bed, right pale and sweet-faced-I was about seven, the winter she took pneumonia; we slept in the same bed then. Well, as I looked, she kept fading and fading, until she went fading clear away into nothing. I got up real careful so as not to wake Clifford, and went downstairs to make myself a pot of tea. My shoulder was hurting something terrible, and all the time I heard this knock knock knock...'

'What *was* it?' Dora Sutcliffe begged, her watery blue eyes wide. She had heard the story of Lucas' hanging countless times, at second and third hand, but with every fresh telling the previous tales blurred, merging into one, and each time, at this juncture, she asked, eager, curious, as if part of some perpetually inquiring chorus: 'What was knocking?'

'First I thought it was the carpenter next door, Nellie Meehan said, 'because he was often up till all hours hammering away in his workshop in the garage, but when I looked out the kitchen window was pitch dark. And still I kept hearing this knock knock knock, and all the time the pain throbbing so in my shoulder. I sat up in the living room, then, trying to read, and I must have fallen asleep,

because that's where Clifford found me when he came down to go to work in the morning. When I woke up it was dead quiet. The pain in my shoulder was gone, and the mailman came with the letter about Lucas, all bordered in black.'

'It wasn't a letter,' Clifford Meehan contradicted. Without fail, at some time in her story, Nellie was carried away by inaccuracy of this sort, improvising whatever details eluded her memory at the moment. 'It was a telegram. They couldn't have had a letter in the post and you getting it the same morning.'

'A telegram, then,' Nellie Meehan acquiesced. 'Saying: Come, Lucas dead.'

'It must be one of your uncles, I told her,' Clifford Meehan put in. 'I said it couldn't be Lucas, him so young, a real fine master joiner he was.'

'But it was Lucas,' Nellie Meehan said. 'He'd hung himself that night. His daughter Daphne found him in the attic. Imagine.'

'Just imagine,' Dora Sutcliffe breathed. Her hand, as if independent of her motionless, attentive body, reached for a buttered scone.

'It was the war,' Cousin Herbert announced suddenly in sepulchral tones, his very voice gone rusty from disuse. 'No lumber to be had for love nor money.'

'Well, however it might be, there was Lucas,' Clifford Meehan knocked his pipe against the grate and took out his tobacco pouch. 'Just made partner of his joining firm. Only a few days before he went and hung himself, he'd stood out where the new apartments were going up and said to his old boss, Dick Greenwood: "I wonder, will these apartments ever get built." Folks spoke to him the night he did it, and noticed nothing wrong.'

'It was his wife, Agnes,' Nellie Meehan maintained, shaking her head as she recalled the fate of her departed brother, her brown eyes gentle as a cow's. 'Agnes killed him sure as if she'd poisoned

him; never a kind word had Agnes. She just let him worry, worry, worry to his death. Sold his clothes at an auction, too, straight off, and bought a sweet shop with the money she took in, that and what he'd left her.'

'Fancy!' Dora Sutcliffe sniffed. 'I always said there was something mean about Agnes. She kept handkerchiefs over her scales, and everything in her shop was just that many coppers dearer than anywhere else. I bought a Christmas cake off Agnes only two years back and priced one exactly like it in Halifax the next week. Half a crown more, Agnes' cake was.'

Clifford Meehan tamped the fresh tobacco down in his pipe. 'Lucas went driving about the pubs with his daughter Daphne on the very night,' he said slowly: he, too, had told his part of the story so many times, and each time it seemed to him as though he were pausing here, expectant, waiting for some clear light to spring out of his own words, to illumine and explain the bleak, threadbare facts of the going of Lucas. 'Lucas went upstairs after dinner, and when Daphne called him down to drive out, it was a couple of minutes before he came – his face was puffed funny, Daphne said afterwards, and his lips kind of purple. Well, they stopped for a few bitters at the Black Bull, as was Lucas' habit of a Thursday night, and when he came back home, after sitting about downstairs with Daphne and Agnes a bit, he put his hands down on the arms of his chair and heaved himself up – I remember him getting up like that a hundred times – and said "I guess I'll go get ready." Daphne went up a little later and called to Agnes: "Pa's not upstairs." Then Daphne started up the attic steps; it was the only place he could have been. And there she found him, hanging from the rafter, stone dead.'

'There was a hole bored in the middle rafter,' Nellie Meehan said. 'Lucas fixed a swing up there for Daphne when she was just a young thing, and he strung the rope he hung himself with through that very hole.'

'They found scuff marks on the floor,' Clifford Meehan reported, coldly factual as the account in the yellowed newspaper dated nine years back preserved in Nellie's family album, 'where Lucas tried to hang himself the first time, just before he went out, only the rope was too long. But when he came back he cut it short enough.'

'I wonder Lucas could do it,' Dora Sutcliffe sighed. 'Like I wonder about my brother-in-law Gerald.'

'Aye, Gerald was a fine man,' Nellie Meehan sympathized. 'Stout and red-faced, husky as you could wish. What'll Myra do with the farm, now he's gone?'

'Ee, Lord knows,' Dora Sutcliffe said. 'It was in and out of hospital with Gerald this past winter. On account of his kidneys. Myra said the doctor'd just told him he'd have to go back again, they still weren't right. And Myra all alone now. Her daughter Beatrice married the one who's experimenting with cows down in South Africa.'

'I wonder your brother Jake's kept on so chipper, like he has these thirty years, Nellie,' Clifford Meehan mused, taking up that fugue of family phantoms, his voice melancholy as a man's might be whose two stalwart sons had left him in his old age, the one for Australia and the sheep farms, the other for Canada and a flighty secretary named Janeen. 'With that witch of a wife Esther and his one surviving daughter Cora twenty-eight and numb as a tree. I remember Jake coming to our place, before he married Esther...'

'Those days absolutely shone with bright and funny conversation,' Nellie Meehan interrupted, her own smile pale and wistful, as if already frozen in some dated family photograph.

'... coming to our place and throwing himself down on the sofa and saying: "Don't know as I ought to marry Esther; she's in weak health, always talking about ailments and hospital." Sure enough, one week after they were married, Esther's in hospital having an operation that cost Jake a hundred pounds; she'd been saving it up till he'd married her and would have to pay for the whole do.'

'Slaved all his life for his woolen mill, my brother Jake did,' Nellie Meehan stirred the cold dregs of her tea. 'And now he's a fortune and ready to see the world, and Esther won't stir a step out of the house; just sits and nags at that poor silly Cora; wouldn't even let her be put in a home where she'd b among her own kind. Always taking herbs and potions, Esther is. When Gabriel was on the way, the only good one of the lot, right in his senses, after that queer Albert was born with his tongue in wrong, Jake came right out and told Esther: "If you ruin this one, I'll kill you." And then pneumonia took the two boys, good and bad, not seven years after.'

Nellie Meehan turned her tender eyes on the red embers in the grate as if the heats of all those dead glowed there. 'But they're waiting.' Her voice dropped, low and reassuring as a lullaby. 'They come back.' Clifford Meehan puffed slowly on his pipe. Cousin Herbert sat stone-still; the fading fire carved his brooding features in stark light and shadow, as if out of rock. 'I know,' Nellie Meehan whispered, almost to herself. 'I've seen them.'

'You mean,' Dora Sutcliffe shivered in the thin, chill draft shifting through the window-frame at her back, 'you've seen *ghosts*, Nellie?' Dora Sutcliffe's question was rhetorical; she never tired of Nellie Meehan's accounts of her spasmodic commerce with the spirit world.

'Not ghosts, exactly, Dora,' Nellie Meehan said quietly, modest and reserved as always about her strange gift, 'but *presences*. I've come into a room and I've felt somebody standing there, big as life. And it's often I've said to myself: "If you could just see that bit *harder*, Nellie Meehan, you'd see them plain as day." '

'Dreams!' Cousin Herbert's voice rasped harsh. 'Stuff!'

As if Cousin Herbert were not in the room, as if words met deaf ears, the three others spoke and gestured. Dora Sutcliffe rose to leave. 'Clifford'll walk you up Slack way,' Nellie Meehan said.

Cousin Herbert got up, without another word, his shoulders hunched, as if labouring under some great, private, unspeakable

pain. He turned his back on the group about the fire and stalked to bed, his footsteps hollow and heavy on the stairs.

Nellie Meehan saw her husband and Dora Sutcliffe to the door and waved them off into the gusts of wind and drifting moon-haze. For a minute she stood in the doorway, gazing after those two figures vanished in the dark, feeling a cold more deadly than any knife strike to the marrow of her bones. Then she closed the door and went back toward the parlor to clear away the tea things. As she entered the parlor, she stopped, stunned. There, in front of the flowered upholstered sofa, hung, a few inches above the floor, a column of dazzle-not so much a light bodied on the air, but a blur superimposed upon the familiar background, a misting across the sofa, and the mahogany china cabinet behind it, and the sprigged rose and forget-me-not wallpaper. As Nellie Meehan watched, the blur began to shape itself into a vaguely familiar form, its features pale, solidifying like ice on the vaporous air until it bulked real as Nellie Meehan herself. Nellie Meehan stood, unblinking, and with her steady eyes fixed the bright apparition. 'I know you, Maisie Edwards,' she said in soft, placating tones. 'You're looking for your Katherine. Well you won't find her here any more. She's living away now, away down Todmorden.'

And then, almost apologetically, Nellie Meehan turned her back on the glimmering form, which still hung in the air, to stack and wash the tea service before Clifford returned. It was with a queer new lightness in her head that she noticed the plump, tiny little woman propped stiff, mouth open, eyes staring, stock-still in the rocking chair next to the tea table. As Nellie Meehan gaped, she felt the encroaching cold take the last sanctum of her heart; with a sigh that was slow, released breath, she saw the delicate blue willow pattern of the saucer showing clear through the translucence of her own hand and heard, as if echoing down a vaulted corridor sibilant with expectant, gossiping shadows, the voice at her back greeting her like a glad hostess who has waited long for a tardy guest: 'Well,' said Maisie Edwards, 'it's about time, Nellie.'